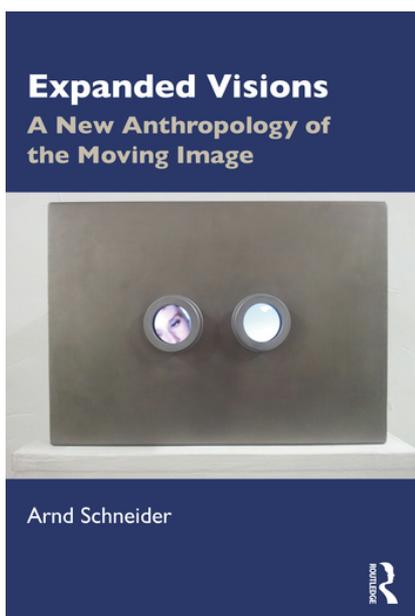


## ‘Arte-etnografia’, um Campo Experimental: Recensão crítica de uma epistemologia para as ‘visões expandidas’ de Arnd Schneider

Pedro Antunes

CRIA NOVA FCSH, Portugal  
pedroantunes@fcsh-unl.pt

<https://orcid.org/0000-0002-4985-6876>



Schneider, Arnd. 2021. *Expanded Visions: A New Anthropology of the Moving Image*. Londres e Nova Iorque: Routledge. 212 pp.

ISBN 9780367253684

O que pode acontecer para além dos limites erodidos do campo de visão? <sup>1</sup> *Expanded Visions* é o título da mais recente obra de Arnd Schneider, antropólogo e professor do departamento de Antropologia

<sup>1</sup> Este trabalho foi financiado pela FCT, no âmbito do plano estratégico do CRIA, Centro em Rede de Investigação em Antropologia (UIDB/04038/2020).

Social da Universidade de Oslo. Do extenso trabalho de pesquisa que desenvolveu em torno da arte contemporânea, antropologia, migrações e cinema destacam-se a coedição dos livros *Appropriation as Practice: Art and Identity in Argentina* (2006) e, mais recentemente, *Alternative Art and Anthropology: Global Encounters* (2017). Na obra aqui recensada encontramos compilados uma seleção de artigos e capítulos editados noutras revistas e livros, que o autor retoma e atualiza com vista ao desenvolvimento de uma preocupação comum: a problematização das bases epistemológicas da antropologia visual.

Numa leitura de conjunto, podemos compreender *Expanded Visions* como um importante trabalho de consolidação de um quadro epistemológico interdisciplinar e inovador que tem por base uma sistematização de práticas e ideias desenvolvidas pelo autor nos últimos quinze anos. Através desta moldura teórico-metodológico Schneider pretende estimular um processo de renovação dos modos de conceber e fazer antropologia e arte. A par desta linha problemática que atravessa e dá unidade aos diferentes capítulos, destaca-se ainda um conjunto de abordagens atuais para um envolvimento antropológico em questões sociopolíticas contemporâneas. O uso do filme e de tecnologias digitais em processos de restituição do património cultural (capítulo 8), ou a aplicação de metodologias de investigação audiovisuais de restituição da visibilidade a espaços urbanos paradigmáticos das ruínas da modernidade ('ruinopolis') constituem importantes contributos para refletirmos sobre as potencialidades de articulação entre o cinema, a arte experimental e a antropologia.

### ***Writing culture: uma promessa por cumprir***

A possibilidade de formação de conhecimento para além do domínio do visível, expressa na ideia de 'visões expandidas', tem por base o estudo de um conjunto de ideias, formatos e técnicas usadas no cinema experimental, mas também por artistas visuais em trabalhos de vídeo ou em projetos de instalações audiovisuais. Uma das contribuições mais originais desta obra resulta, precisamente, do facto de a moldura epistemológica aqui proposta ter sido construída através de um trabalho minucioso de pesquisa sobre ideias e práticas usadas ou concebidas no campo experimental da imagem em movimento. Esta obra reúne, assim, uma ampla seleção de referências a técnicas, formas e formatos experimentais usados tanto na conceção de peças audiovisuais, como na

sua concretização formal. As ideias de 'experimental' ou de 'experiência' são aprofundadas neste livro enquanto processo e condição generativa – em reação ou por oposição ao quadro canônico de convenções disciplinares e disciplinadoras dos modos de pensar e fazer arte e antropologia. Os processos e as técnicas são muitas vezes concebidos enquanto estratégias criativas talhadas a um projeto em particular. Schneider toma seriamente e extensivamente este enfoque na potencialidade generativa da 'experiência' para fundamentar o quadro epistemológico que o livro procura consolidar, com o objetivo de inspirar novas formas de fazer antropologia e arte.

O autor retoma um conjunto de reflexões críticas sobre as políticas de representação na antropologia apresentadas na célebre obra de James Clifford e George E. Marcus (1986); designadamente, o modo como Clifford definiu a escrita etnográfica como um processo artesanal de fabricação de descrições culturais. A designada 'crise da representação' na antropologia trouxe uma maior consciência do caráter construído das etnografias, tendo também contribuído para a construção de alicerces para um projeto de articulação entre a etnografia, a poética e a política – sobretudo as políticas de representação.

Desde esta crítica minuciosa à etnografia que vários antropólogos têm procurado experimentar novas formas de fazer antropologia, partindo da autorreflexão crítica sobre questões éticas de posicionamento do antropólogo face ao 'outro' das culturas que estuda. No entanto, como nota Schneider, "a promessa total e o potencial dessa crítica, que é o de fomentar uma prática experimental mais ampla, para além das palavras e de práticas de escritura, ainda não foi totalmente explorada (...), inclusivamente na antropologia visual" (p. 2, minha tradução). Segundo o autor, o paradigma narrativo assenta em processos de produção de conhecimento que se baseiam em princípios académicos de objetividade lógica, privilegiando a análise de narrativas, culminando em discursos de construção de um texto sobre 'outras' culturas. No campo da antropologia social-cultural, entre as principais limitações que o autor atribui a este paradigma teórico-metodológico destacam-se: (i) o desinteresse na exploração dos domínios cognitivos, autorreflexivos e intersubjetivos associados a processos de representação de alteridade; (ii) a falta de estratégias criativas de captação da experiência espaço-temporal; e (iii) a presença limitada de soluções práticas e conceptuais que problematizem e potenciem a *materialidade* das próprias ferramentas metodológicas da antropologia.

Schneider nota ainda o modo como o potencial envolvimento político do antropólogo em campo tem sido pouco explorado e restringido a um compromisso disciplinar baseado em estratégias de representação narrativas, assentes na neutralidade e invisibilidade da posição do antropólogo em relação ao seu *objeto* e em ideias de imparcialidade científica. Como alternativa, defende o envolvimento político do antropólogo com as discussões e eventos sociopolíticos em campo, pois este faz também parte dessa realidade. Tendo este quadro de conjunto de limitações epistemológicas, o autor tece uma crítica estrutural ao *telos* científico do projeto disciplinar da antropologia, ao qual contrapõe um quadro epistemológico alternativo, inspirado nas novas possibilidades de experimentação desenvolvidas no campo da pesquisa visual.

### Os processos técnicos de fabricação do real

Um dos processos técnicos mais paradigmáticos e ilustrativos do potencial da articulação entre o visível e o invisível é a ‘técnica *matte*’, descrita e analisada no primeiro capítulo do livro, que tem sido usada em produções cinematográficas desde os irmãos Lumière. Esta técnica consiste na criação de uma máscara de cor, cujo objetivo é bloquear a área de uma imagem ou fotograma – tornando assim possível justapor outras imagens no plano. A *fabricação* destas imagens resulta em formas de abstração, justaposição, simulação ou articulação com um outro imaginário para além do registo documental do real. Schneider questiona se haverá algo a ganhar ao bloquear parcialmente a ‘realidade’, que permita a sobreposição de outra perceção ou descrição (p. 3). Na revisão de literatura apresentada neste primeiro capítulo, o autor apresenta um conjunto de outros conceitos, formatos e debates em torno de processos de disrupção de continuidades narrativas ou visuais – como o ‘esculpir do tempo’ na imagem, teorizado pelo realizador Andrei Tarkovsky relativamente ao seu trabalho cinematográfico, ou as ‘técnicas de extensão da memória’ usadas nas instalações multimédia do artista Yongseok Oh. Tal deve-se fundamentalmente a uma necessidade de superação do *paradigma narrativo* vigente na antropologia.

No segundo capítulo, Schneider descreve e analisa três trabalhos experimentais audiovisuais inovadores: o filme experimental de observação etnográfica *Shamans of the Blind Country* (1981), realizado pelo antropólogo Michael Oppitz; o vídeo *The Laughing Alligator* (1979) do artista Juan Dwoney, filmado com os Yanomamö, e sua respetiva

instalação multimídia; e, por fim, o filme-exibição *Teatro Amazonas* (1999) de Sharon Lockart, que resultou de um processo de experimentação sociológica. Schneider considera estes trabalhos paradigmáticos do potencial da experimentação visual, pois demonstram como conceptualizar a distância ou proximidade face aos sujeitos etnográficos e exploram novas possibilidades de transformação no processo de representação, um posicionamento múltiplo do observador participante em relação ao Outro, o desenvolvimento de novas estratégias formais, desenvolvendo uma profunda reflexão sobre a relação entre o processo de pesquisa e o trabalho final (p. 44).

### **Será possível fazer antropologia sem etnografia?**

Uma das problemáticas centrais desta obra resulta de uma revisão crítica das práticas adotadas na realização de cinema experimental para explorar contributos possíveis para a investigação antropológica. Schneider apresenta-nos uma citação do artista Malcolm Le Grice a propósito do que este considera a especificidade da natureza das relações que se estabelecem nos sistemas de representação durante a construção de filmes experimentais:

O que é representado nestes filmes não são as árvores nem a cabeça (...), mas sim *as relações espaço/tempo do processo de visualização e filmagem do filme* (como “funções”). (...) o filme torna-se uma descrição, expressão ou mesmo modelo para o ato generalizado de percepção existente antes da “representação”. (...) O resultado desta atividade é um “objeto” genuinamente novo (...) onde certos “postulados” de procedimento tempo/espaço foram adicionados ao objeto “natural.” (cit. p. 56, minha tradução).

Partindo desta conceção relacional do cinema experimental, revelam-se os processos de descrição e expressão usados no trabalho de representação do real, desencadeando-se um procedimento reflexivo sobre a condição da materialidade espaciotemporal do filme, com a sua exibição a tornar-se, assim, simultaneamente, metarrepresentação e ‘evento percetual’ sobre a própria natureza do tempo e do espaço. Diante desta constatação sobre a ontologia do cinema experimental, Schneider interroga-se, “quais seriam os possíveis equivalentes antropológicos desses ‘eventos’”?

Para o autor, esta analogia de equivalências entre o cinema experimental e a antropologia é limitada, pois o ‘dispositivo’ de produção

antropológico não tem um equivalente na materialidade tecnológica do dispositivo fílmico. A materialidade dos dispositivos de observação, captação e envolvimento do antropólogo com a realidade estudada é, em última instância, o seu corpo; e, como nota Schneider, “é difícil pensar num processo de produção antropológico que omitisse ou alterasse radicalmente as funções do lápis, do bloco de notas, do computador e do telemóvel” (p. 57, minha tradução). Neste sentido, ao contrário do cinema experimental, a possibilidade de o antropólogo produzir ‘visões expandidas’ – i.e. para além do domínio do visível – encontra-se necessariamente limitada. A única alternativa metodológica que o antropólogo tem ao seu dispor são os processos de abstração, seguindo a teoria e as práticas usadas pela antropologia estruturalista straussiana, como forma de reconstruir continuidades culturais fragmentadas ou imersas. Contudo, Schneider não desenvolve esta possibilidade, pois considera que não é possível conceber-se “uma etnografia que – de maneira análoga ao filme experimental – não comprima o tempo [da experiência empírica] no ‘tempo’ de uma monografia escrita (ou lida)” (p. 58, minha tradução). Assim, a questão fundamental seria a de compreender se é possível conceber-se uma etnografia que não seja intrinsecamente retrospectiva, ou, *será possível fazer antropologia sem etnografia?*

Como resposta a esta problemática, Schneider propõe-se refletir sobre técnicas usadas nas artes visuais em processos de complexificação e abstração do real que são produzidas e inscritas na própria materialidade sensível do campo visual e expressivo. Tal é o caso da ‘anamorfose’, uma técnica de transformação óptica, usada para produzir distorções, recombinações ou complexificação de formas, escalas e fusões de elementos. Esta técnica possibilita ao artista combinar dois ou mais pontos de vista dentro da mesma moldura. Assim “uma parte ou espectro [da imagem/representação] permanece ininteligível ou distorcida, a menos que o espectador mude de posição, o que leva à distorção da outra parte” (p. 60, minha tradução). Como contraponto teórico a esta técnica óptica de abstração, Schneider fala do valor da inserção do elemento de “dúvida epistemológica”, em reação e alternativa às certezas científicas na produção de conhecimento. Assim, se no plano teórico o terceiro capítulo aprofunda a problemática, colocando em questão um conjunto de premissas naturalizadas na exegese do pensamento antropológico, ficam, no entanto, por esclarecer as possibilidades prático-metodológicas da aplicabilidade destas novas formas de produção de conhecimento.

### **Economia de trocas cinematográficas: entre o real e o hiper-real**

Uma das respostas do Arnd Schneider aos desafios metodológicos e formais relativos à possibilidade de tornar a materialidade do real em conteúdo do trabalho antropológico, desafiando os processos de reformatação realizados com base nas políticas de representação narrativas, é, por exemplo, a solução que tem sido usada por antropólogos e artistas visuais na realização de foto-filmes, bem como de trabalhos em torno de arquivos ou de ruínas. Um exemplo destas abordagens encontra-se desenvolvido no quarto capítulo do livro – intitulado “Stills that move: photofilm and anthropology” (pp. 63-80) –, onde se aprofundam ideias sobre a eficácia que os filmes baseados na edição e animação de imagens fotográficas têm na transcendência da limitação de géneros disciplinares e formais. A natureza das fotografias comporta necessariamente uma dimensão *vestigial* entre o estético e o político. Desta forma, a pesquisa metanarrativa sobre a materialidade das fotografias corresponde a um trabalho epistemológico *com* a imagem, que rompe com os processos habituais das políticas de representação diegéticas. Por outro lado, a materialidade do suporte fotográfico enquanto sistema, meio de fixação e indexação de uma fração de tempo corresponde, ontologicamente, a uma forma de “incerteza epistemológica” (cf. capítulo 2). O potencial documental das imagens fotográficas advém, precisamente, dessa sua incompletude ontológica: diante destes fragmentos do real, o investigador é compelido a conjurar uma realidade para além da superfície material do visível.

Num sentido inverso, para uma clarificação da natureza construída (hiper-real) e diegética dos processos cinematográficos, Schneider apresenta-nos duas pesquisas etnográficas em que o próprio acompanhou produções fílmicas em contextos distintos. No capítulo 5, o autor descreve-nos o processo de realização do filme *El Camino* (2000), realizado numa reserva Mapuche na Argentina, cuja agenda “indigenista” do seu realizador, Javier Olivera, dá lugar a uma “dramatização etnográfica” dos indígenas aí representados. Já no segundo estudo de caso, focalizado no cinema social e participatório do projeto *Cine com Vecinos*, em Sladillo, Argentina, Schneider identifica a experiência de construção cinematográfica do real, não tanto através de um processo de tematização ou efabulação, mas por intermédio da experiência participativa e social que o método usado produz na construção de uma “estética localizada” (capítulo 6). Enquanto a realização de um filme de ficção sobre um grupo de indígenas na reserva

de Mapuche intervém na realidade local, sob a forma de um processo de objetificação cultural dos indígenas que figuram no próprio filme, no caso do cinema social *Cine com Vecinos* é a experiência induzida pelo método participativo de vizinhos não-atores no bairro que transforma a realidade, designadamente através da criação de novas formas de sociabilidade e de uma economia de trocas cinematográficas na comunidade. Em ambos os casos, o trabalho de campo realizado por Schneider em torno da *mise en scène* etnográfica de produções fílmicas *in situ* revela-nos processos em que o poder invocativo da semelhança – o ‘hiper-real’, no sentido proposto por Jean Baudrillard – intervém na criação do real.

### **Arte-etnografia: uma zona de contacto**

Um balanço final de *Expanded Visions* e do seu contributo para o desenvolvimento de novas formas de abordagens teórico-metodológicas deverá ser ponderado em função da sua dupla qualidade: trata-se de uma obra que questiona as fundações epistemológicas da antropologia visual a partir da arte experimental, ao mesmo tempo que nos apresenta uma reapreciação interdisciplinar do experimental na arte contemporânea. Contudo, mesmo reconhecendo que a experimentação “não é estranha à antropologia” (p. 23, minha tradução), a crítica que Schneider faz da predominância de modos de representação realistas na antropologia visual estende-se, de modo relativamente generalizado, ao campo mais abrangente da antropologia, obscurecendo desta forma um vasto conjunto de trabalhos experimentais (interdisciplinares) na antropologia contemporânea não-visual.

Relativamente às questões epistemológicas, Schneider destaca um conjunto de princípios heurísticos que combinam uma maior consciência crítica do criador face às políticas de representação e um questionamento das próprias condições materiais do processo de criação. Esta obra propõe-nos, assim, uma radicalização de alguns princípios enunciados na crítica desenvolvida em torno da *writing culture*, a par de um envolvimento interdisciplinar em que é notória uma tendência crescente dos artistas de trabalharem com práticas sociais de experimentação, fazendo uso de métodos participativos. É, pois, possível concluir que o quadro epistemológico levantado nesta obra nos poderá inspirar e conduzir à criação de um campo novo – onde convergem desafios e formas de experimentação em torno da observação,

documentação, arquivo, tempo e memória – a que Schneider designa 'art-ethnography'.

### **Referências**

Clifford, James e Marcus, George E. 1986. *Writing Culture: The Poetics and Politics of Ethnography*, edited by James Clifford and George E. Marcus. Berkeley, Los Angeles: University of California Press.

Schneider, Arnd. 2006. *Appropriation as Practice: Art and Identity in Argentina*. Nova Iorque: Palgrave Macmillan.

Schneider, Arnd. 2017. *Alternative Art and Anthropology: Global Encounters*. Londres: Bloomsbury Academic.